

# O universo feminino nas crônicas de Clarice Lispector

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

**Resumo:** A presente comunicação pretende analisar crônicas publicadas entre 1968 e 1973 no Jornal do Brasil, num total de 33 textos. Algumas crônicas utilizaram-se por inteiro, enquanto que outras só aproveitamos alguns trechos cujos assuntos abordados são pertinentes a este trabalho. Organizamos a análise por temas, por isso algumas crônicas são revisitadas ao longo do tópico. Também consideramos outras propriedades dos textos clariceanos como gênero do narrador e preferência por personagens femininas. O que veremos a seguir é Clarice Lispector se revelando num campo conflitivo desenvolvida em sua obra, escrevendo sobre temas femininos e, muitas vezes, parecendo escrever exclusivamente para mulheres. Portanto, analisaremos, ao longo deste tópico, a mulher e sua feminilidade, as crianças, as criadas e as amigas leitoras. A obra de Clarice Lispector é uma nítida representação da busca de respostas para o mistério do feminino, colocando a mulher confrontada consigo mesma e com o homem. E este parece ser o legítimo representante de uma ordem na qual a mulher ingressa a despeito de sua carência de identidade. A busca não se faz apenas tendo o feminino como foco, mas a interseção do feminino com o masculino, um completando o outro. O universo ficcional de Clarice, até mesmo em sua crônica, elabora vários caminhos e descaminhos desse ingresso, permeado por constatações e questionamentos que se assentam na criação de personagens femininas e de sua própria representação como uma de suas personagens —inclusive esta característica é recorrente em sua crônica. Muitos textos são escritos em primeira pessoa e, na maioria dos casos, é a voz de Clarice Lispector que se dirige diretamente aos leitores e leitoras. Enquanto escreve histórias, descreve sensações e cria destinos, Clarice é o "enigma feminino" que escreve sobre o feminino. Reiteramos que não só as temáticas femininas dos textos nos pareceram relevantes para a análise. Consideramos também que a construção das personagens femininas e a voz narrativa escolhida para narrar os textos são também peças importantes para a nossa compreensão. A comunicação de Clarice Lispector com as leitoras, em especial, é outro tema recorrente em suas crônicas e que nos remete à mulher e seu universo.

**Palavras-chave:** Crônica. Feminino. Clarice Lispector.

**Abstract:** *This communication aims to analyze chronicles published between 1968 and 1973 in the Journal of Brazil, a total of 33 texts. Some chronicles used up completely, while others just enjoyed some sections whose issues approached are relevant to this work. We organize the analysis by subjects, so some chronicles are revisited throughout the topic. We also consider other properties of the clariceanos texts as narrator's gender and preference for female characters. What we will see is Clarice Lispector exposing herself in a conflictive field developed in her work, writing about women's issues, and often seem to write expressly for women. Therefore, we will look over this topic, the woman and her femininity, the children, the maids and the friendly readers. The work of Clarice Lispector is a clear representation of the search for answers to the mystery of the feminine, putting the woman confronted with herself and the man. And this seems to be the legitimate representative of an order in which the woman enters despite her lack of identity. The search is not just having the female as the focus, but the intersection of feminine and masculine, one complementing the other. The*

*fictional universe of Clarice Lispector, even in her chronicle, prepares different paths and waywardness from this entry, permeated by observations and questions that focus on creating female characters and its own representation as one of its characters –including this feature is recurrent in her chronicle. Many texts are written in the first person and, in most cases, the Clarice Lispector's voice is addressed directly to the readers (male and female). While she writes stories, describes feelings and creates destinations, Clarice is the "feminine enigma" who writes about women. We reiterate that not only the themes of women in texts seemed relevant to the analysis. We also believe that the construction of the female characters and the narrative voice chosen to narrate the texts are also important pieces to our understanding. The communication of Clarice Lispector with the female readers, in particular, is another recurring theme in her chronicles, and that brings us to the woman and her universe.*

**Keyword:** *Chronicle. Feminine. Clarice Lispector.*

Clarice Lispector nunca admitiu a possibilidade de escrever "para" ou "sobre" mulheres, no entanto, na leitura de suas crônicas, a exemplo de outros textos que compõem sua obra, percebe-se a frequência de referências a assuntos, comuns ao universo feminino. Casa, filhos e coração formam um círculo; os temas se misturam, uns completando os outros, num jogo capaz de prender a leitora mais atenta. Sedução e feitiçaria, bem a gosto de Clarice Lispector.

Se há um tema constante em *A descoberta do mundo*, ele é a maternidade.

Outros temas também podem ser encontrados, como o processo de escrever, a casa, as relações humanas, a beleza. Mas a questão da maternidade não é mote apenas para um número determinado de crônicas. Mais que isso, é ponto de partida para textos que falam sobre diversos assuntos, inclusive os de acima citados. Falando sobre a maternidade, Clarice Lispector revela-se feminina e inicia questionamentos sobre outros assuntos, que não só os filhos.

A família é, muitas vezes, fundamento para a obra clariceana, como se dela pudessem sair conselhos sobre todas as coisas, reflexões ou experiências de vida para qualquer pessoa. Clarice Lispector ensina seus leitores e suas leitoras a descobrirem o mundo a partir da sua ótica, onde os fatos mais banais do dia-a-dia se tornam importantes e as maiores complicações da humanidade tomam-se simples, bastando lançar-lhes um olhar mais cuidadoso.

Neste tópico analisamos crônicas publicadas entre 1968 e 1973 no *Jornal do Brasil*, num total de 33 textos. Algumas crônicas utilizamos por inteiro, enquanto que outras só aproveitamos alguns trechos cujos assuntos abordados são pertinentes a este trabalho. Organizamos a análise por temas, por isso algumas crônicas são revisitadas ao longo do tópico.

Também consideramos outras propriedades dos textos clariceanos como gênero do narrador e preferência por personagens femininas.

O que veremos a seguir é Clarice Lispector se revelando num campo conflitivo desenvolvida em sua obra, escrevendo sobre temas femininos e, muitas vezes, parecendo escrever exclusivamente para mulheres. Portanto, analisaremos, ao longo deste tópico, a mulher e sua feminilidade, as crianças, as criadas e as amigas leitoras.

A obra de Clarice Lispector é uma nítida representação da busca de respostas para o mistério do feminino, colocando a mulher confrontada consigo mesma e com o homem. E este parece ser o legítimo representante de uma ordem na qual a mulher ingressa a despeito de sua carência de identidade. A busca não se faz apenas tendo o feminino como foco, mas a inter-seção do feminino com o masculino, um completando o outro.

O universo ficcional de Clarice, até mesmo em sua crônica, elabora vários caminhos e descaminhos desse ingresso, permeado por constatações e questionamentos que se assentam na criação de personagens femininas e de sua própria representação como uma de suas personagens — inclusive esta característica é recorrente em sua crônica. Muitos textos são escritos em primeira pessoa e, na maioria dos casos, é a voz de Clarice Lispector que se dirige diretamente aos leitores e leitoras.

Embora esta não fosse sua pretensão, Clarice Lispector terminou entrando na seara que não desejava. Talvez isso tenha sido resultado da experiência pessoal da escritora, que conviveu sempre cercada pelos filhos e pelas empregadas domésticas. Até seu processo de criação quase sempre se dava nesse cenário familiar ou doméstico, dividindo a escritora entre jornalista, mãe e dona-de-casa.

Enquanto escreve histórias, descreve sensações e cria destinos, Clarice é o "enigma feminino" que escreve sobre o feminino. Reiteramos que não só as temáticas femininas dos textos nos pareceram relevantes para a análise. Consideramos também que a construção das personagens femininas e a voz narrativa escolhida para narrar os textos são também peças importantes para a nossa compreensão.

Nos romances, Clarice Lispector também dispensa atenção especial às personagens femininas. O único livro em que a narrativa se centra na figura masculina é *A maçã no escuro*, no qual elabora o perfil de Martim, o personagem principal, que julga ter assassinado a mulher e por isso foge. Acaba chegando a uma fazenda onde se defronta com duas mulheres com as quais vive um relacionamento conflituoso e complexo. Estas têm um perfil emocional que não se distancia

muito das outras personagens femininas. Márcia Guidin explica como são essas mulheres dos romances clariceanos:

Nos demais romances, as protagonistas são todas mulheres e o que as identifica umas às outras é sua introspecção e isolamento da própria angústia existencial. Não estão ligadas aos homens pelo casamento nem mantêm relações amorosas estáveis. (GUIDIN, 1989, p.26-27).

Na coluna de crônicas no *Jornal do Brasil*, Clarice Lispector como uma de suas personagens, assume novo perfil, mais livre e descompromissado, embora muitos textos ainda tragam as marcas de conflitos internos.

Assim explicou José Marques de Melo, em *A opinião no jornalismo brasileiro*: “Aparentemente a coluna tem um caráter informativo, registrando apenas o que está ocorrendo na sociedade. Mas, na prática, é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo”. (MELO, 1994, p. 138).

Vejamos a crônica *Amor imorredouro* publicada em 9 de 1967, quando Clarice Lispector, ainda se questionando sobre sua nova função, a de cronista, faz uma pergunta reveladora:

Só que, sendo neófito, ainda me atrapalho com a escolha dos assuntos. Nesse estado de ânimo estava eu quando me encontrava na casa de uma amiga. O telefone tocou, era um amigo mútuo. Também falei com ele, e é claro, anunciei-lhe que minha função era escrever todos os sábados. E sem mais nem menos perguntei: o que mais interessa às pessoas? Às mulheres, digamos. (LISPECTOR, 1999, p. 29).

Como se não bastasse a pergunta, Clarice Lispector aproveita-se da resposta de uma amiga que de prontidão, a responde:

Antes que ele pudesse responder, ouvimos do fundo da enorme sala a minha amiga respondendo em voz alta e simples: ‘O homem’. Rimos, mas a resposta é séria. É com um pouco de pudor que sou obrigada a reconhecer que o que mais interessa à mulher é o homem.

Mas isso não nos pareça humilhante, como se exigissem que em primeiro lugar tivéssemos interesses mais universais. Não nos humilhemos porque se perguntarmos ao maior técnico do mundo em engenharia e/etrônica o que mais interessa ao homem, a resposta íntima, imediata e franca, será: a mulher (...)

Pois penso que toquei num ponto nevrálgico. E, sendo um ponto nevrálgico, como o homem nos dói. E como a mulher dói no homem. (LISPECTOR, 1999, p. 29-30).

A escritora inicia perguntando o que interessaria às mulheres, mas acaba refletindo sobre um assunto mais amplo e que não necessariamente é interesse só das mulheres, a relação

entre os sexos. Quando ela diz "sou obrigada a dizer", reafirma um ponto já conhecido, de que nem homens nem mulheres gostam de admitir a importância que o sexo oposto tem em suas vidas. Ao negar esta "necessidade" biológica, mas afetiva também, o indivíduo espera ser o objeto de desejo, ao invés de desejar. O outro é que deve admitir a necessidade.

É por esta razão, por esta luta de gêneros, que Hélène Cixous, uma das responsáveis pela introdução dos estudos da obra de Clarice Lispector na Europa e pelo termo "escrita feminina", avalia ser a escrita feminina também uma simbologia de uma guerra falocêntrica, na perspectiva de embate pelo poder. Quem domina e quem é dominado, nas diversas esferas e relações, não apenas na sexualidade.

Ao mesmo tempo, a crônica nos remete às personagens e às mulheres da vida real que têm como sonho de consumo um casamento feliz "até que a morte os separe". Como no caso da personagem Macabeia, de *A hora da estrela*, a moça do interior que, mergulhada na ignorância, na falta de instrução, datilógrafa semianalfabeta, sonha com o homem com quem se casará e que proporcionará uma vida de princesa. A necessidade da personagem de ter um companheiro é a mesma necessidade da escritora, não sofrer de solidão.

Na crônica *A descoberta do mundo*, o homem também é citado. Escrita em primeira pessoa, o texto conta sobre as aprendizagens de Clarice, já que se trata, aparentemente, de um texto autobiográfico. Ela fala de beleza, sobre a realidade, e chega até as relações entre homens e mulheres.

As minhas colegas de ginásio sabiam de tudo e inclusive contavam anedotas a respeito. Eu não entendia, mas fingia compreender para que elas não me desprezassem e à minha ignorância.

Enquanto isso, sem saber da realidade, continuava por puro instinto a flertar com os meninos que me agradavam, a pensar neles. Meu instinto precedera a minha inteligência. (LISPECTOR, 1999, p. 114).

Clarice se espanta com a descoberta da atração sexual entre homens e mulheres e sobre o ato, a respeito do qual ela só saberia depois. Até aí, ela desconhecia o sexo e, mesmo sem saber sobre isso, envaidece-se com os meninos que lhe chamavam a atenção. Mas um dia ela descobre o que era um grande mistério, chamando-o de *A descoberta do mundo*.

Até que um dia, já passados os treze anos, como se só então eu me sentisse madura para receber alguma realidade que me chocasse, contei a uma amiga Intima o meu segredo que eu era ignorante e fingira de sabida. Ela mal acreditou, tão bem eu havia antes fingido. Mas terminou sentindo minha sinceridade e ela própria encarregou-se ali mesmo na esquina de me esclarecer o mistério da vida. Só que também ela era uma menina e não soube falar de um modo que não ferisse a minha sensibilidade de então. Fiquei paralisada olhando para ela, misturando perplexidade, terror, indignação, inocência mortalmente ferida. Mentalmente eu gaguejara: mas por quê? Mas para quê? O choque foi tão grande — e por uns meses traumatizantes — que ali mesmo na esquina jurei alto que nunca iria me casar. (LISPECTOR, 1999, p. 114).

A revelação sobre o sexo causa à jovem Clarice um impacto. Provavelmente agravado pela ausência da mãe, que nesta época já havia morrido. Mesmo com o impacto, Clarice Lispector, com o tempo, via que a sua "descoberta" tinha seus atrativos de natureza humana por trás de tudo aquilo.

Embora meses depois esquecesse o juramento e continuasse com meus pequenos namoros.

Depois com o decorrer de mais tempo, em vez de me sentir escandalizada pelo medo como uma mulher e um homem se unem, passei a achar esse modo de uma grande perfeição. E também de grande delicadeza.

Já então eu me transformava numa mocinha alta, pensativa, rebelde, tudo misturado a bastante selvageria e muita timidez. (LISPECTOR, 1999, p. 114).

A questão das relações entre os sexos também é, em alguns momentos, associada à beleza, como se o cuidado com esta fosse uma obrigação de toda e qualquer mulher. Enquanto o homem pode ser mais despojado, a mulher precisa estar pronta, bonita e feminina para os olhares atentos que a ela são lançados. Ou seja, como se não bastassem as obrigações domésticas, profissionais, ser mulher exige um cuidado a mais.

Clarice Lispector, no *Jornal do Brasil*, experimenta o papel de Helen Palmer de outros tempos, para quem a beleza era importantíssima e tão fundamental quanto o intelecto. Em alguns textos, Clarice tece comentários discretos sobre sua roupa ou o cabelo, mostrando que a beleza não passa por ela em vão. E como poderia ser diferente para alguém que já teve a estética como mote para uma coluna? Com Helen Palmer, Clarice Lispector assume ideias e conteúdos, que deixariam marcas na escritora. Maria Aparecida Nunes, em *Páginas femininas de Clarice Lispector*, aconselha-nos:

Se você já passou dos 30 deve cuidar mais do que nunca de sua boa aparência. Em sua vida profissional ou na vida particular, você terá rivais mais jovens que enfrentar, e precisa estar preparada. Não se iluda a si mesma, afirmando que a experiência, a personalidade ou a carreira vitoriosa são fatores que substituem os cuidados com a beleza. Você só estará dispensada destes no dia em que deixar de ser mulher! Estude o 'maquillage', os trajes e os penteados adequados ao seu tipo e à sua idade e continue sua carreira de mulher bonita. (NUNES, 1997, p. 138).

Como Clarice Lispector, a escritora não faz rodeios e usa até mesmo acessórios para falar de assuntos subjetivos, misturando sentidos e realidade. Certa vez, quando ganhou um suéter de uma leitora, o presente transformou-se em tema de uma crônica, que trata não só de sua beleza, mas, sobretudo da sua vaidade, como podemos analisar no trecho seguinte de *O suéter*, de 03 de agosto de 1968:

E eis-me dona de repente do suéter mais bonito que os homens da terra já criaram. É de vermelho luz e parece captar tudo o que é bom para ele e para mim. Esta é a sua alma: a cor. Estou escrevendo antes de sair de casa, e com o suéter. Aliada à sua cor de flama, ele me foi dado com tanto carinho que me envolve toda e tira qualquer frio de quem se sintia solitária. (...) Hoje vou sair com ele pela primeira vez. Está ligeiramente justo demais, porém é possível que assim deva ser: admitindo como gloriosa a condição feminina. Terminada esta nota vou me perfumar com um perfume que é meu segredo: gosto de coisas secretas. E estarei pronta para enfrentar o frio não só real como os outros. Sou uma mulher a mais. (LISPECTOR, 1999, p. 122).

A crônica *Tanto esforço*, de 26 de agosto de 1967, trata sobre a condição da mulher, sob o ponto de vista afetivo, das emoções. Clarice Lispector parte da beleza para explorar o tema:

A amiga chegou linda e feminina. Com o correr das horas começou pouco a pouco a se desfazer, até que apareceu uma cara não tão moça nem tão alegre, mais intensa, de amargura mais viva. Raspou-se em breve a sua beleza menor e mais fácil. E em breve a dona da casa tinha diante de si uma mulher que, se era menos bonita, era mais bela, e que discursava como antigamente o seu ardente pensamento, confundindo-se, usando lugares comuns do raciocínio, tentando provar-lhe a necessidade de se caminhar para frente, provando que cada um tinha uma missão a cumprir. (LISPECTOR, 1999, p. 26).

Resignada, a mulher sabe o seu papel, ou a função que lhe foi atribuída. Na década de sessenta, a mulher assiste a uma série de mudanças socioeconômicas e políticas no Brasil. Enquanto as jovens vão às ruas protestar por uma questão feminina, as mulheres de mais idade veem todos os valores sendo questionados e elas, pela primeira vez, vislumbram poder fazer parte desta mudança.

Em *Tanto esforço*, Clarice prossegue com um desfecho que ainda aponta para o questionamento à resignação:

A dona de casa desceu do elevador com a visita, levou-a até a rua. Estranhou ao vê-la de costas: o reverso da medalha eram cabelos desfeitos e infantis, ombros exagerados pela roupa mal cortada, vestido curto, pernas grossas. Sim. Uma mulher maravilhosa e solitária. Lutando, sobretudo contra o próprio preconceito que a aconselhava a ser menos do que era, que a mandava dobrar-se. (LISPECTOR, 1999, p. 26).

Enquanto na crônica acima, a beleza é usada como indício para observar e compreender a condição feminina, em outra é utilizada como acessório na descoberta da feminilidade. Trata-se do texto *Restos do Carnaval*, de 16 de março de 1968. A personagem — criança especula-se que também é autobiográfica — vê a preparação da vizinhança para baile de carnaval, do qual não poderá participar porque a mãe está doente. O fato de nunca ter participado da festa, a tristeza e a coincidência da mãe piorar justo no dia do baile, as cores e o espírito da festa embriagam a criança e criam uma áurea de fantasia à data carnavalesca.

Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser moça — eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável e pintava minha boca de baton bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice. (LISPECTOR, 1999, p. 83).

E quando a menina tem oportunidade de participar também, depois que a mãe já se sentia melhor e a vizinha lhe havia feito uma fantasia de rosa com restos de papel crepon:

Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morri do em mim. (...) Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. (...)

Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim, e numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confetes; por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa. (LISPECTOR, 1999, p. 85).

Em outra ocasião, Clarice Lispector, movida por um impulso, resolveu entrevistar a dona de uma pensão para prostitutas. Segundo a escritora, queria compreender melhor o mundo, embora temesse escandalizar seus leitores e suas leitoras. Na crônica *Escândalo inútil*, publicada no dia 27 de abril de 1968, Clarice chama a pensão de "casa suspeita" e trata por "moças", as moradoras e trabalhadoras do local.



Vi que o problema da prostituição é obviamente de ordem social. Mas, atrás dele, também, há outro profundo: é que muitos homens preferem pagar, exatamente para humilhar e serem humilhados. A fuga do amor é um fato. Paga-se para fugir. Até homem casado gosta, às vezes de sustentar a casa, transformar a esposa em objeto pago. (LISPECTOR, 1999, p. 97).

A escritora demonstra muito respeito pela dona da pensão e a chama de "dona Y", para evitar um possível contratempo com a polícia. Embora ela considere que não foi feliz na sua tentativa jornalística, o resultado é um texto sentido sobre a condição de mulheres que não enxergam outra forma de sobrevivência, senão na prostituição.

Se o amor conquistado através de um relacionamento é importante, mas nem sempre alcançado, o mesmo não podemos dizer sobre o amor dos filhos. Neles, todo o amor é justificado e, ao contrário do primeiro caso, é sinônimo de alegria e confiança para Clarice Lispector.

As personagens de Clarice, casadas, solteiras, mães, avós, viúvas ricas, pobres, escultoras ou empregadas são figuras que se sentem frustradas em algum aspecto e voltam ao lar como reduto último de consciência inconsciência de sua condição de mulher.

Márcia Lígia Guidin, em *A estrela e o abismo* — um estudo sobre feminino e morte em Clarice Lispector, mostra-nos que este destino feminino, recorrente nos romances e transposto para o âmbito doméstico nos contos tem, contudo o mesmo resultado: "Estas mulheres são diante da família, da cultura e diante do próprio homem". (GUIDIN, 1989, p. 32).

Já as "Clarices" dos jornais são mulheres e mães por excelência. Na coluna *Entre mulheres*, a escritora arrisca um conselho num pequeno texto intitulado *Meu filho não quer comer*. Aparecida Maria Nunes, em *Páginas femininas de Clarice Lispector*, escreve:

Sendo uma das funções desse tipo de imprensa a de dar respostas às infundáveis dúvidas e angústias da mulher moderna, Teresa Quadros apresenta soluções para tudo. Fala da pele desidratada, das vantagens do banho seco para a insônia e o nervosismo, dos tipos de contorno de lábios para 1952, do combate às formigas, do significado das orelhas como escovar os cabelos e o que fazer quando o filho não quer comer. (NUNES, 1997, p. 52).

Clarice Lispector tem o lar como porto seguro e nos filhos se lança procurando achar a si mesma. Os filhos Pedro e Paulo são presenças constantes nas crônicas, como se os leitores os conhecessem, os vissem brincando ou andando de bicicleta num parque da cidade como quaisquer outros da mesma idade. Em *O caso da caneta de ouro* de 23 de dezembro de 1967, toda a narrativa se desenvolve a partir do pedido de um dos filhos, o de ter para si uma caneta de ouro. A mãe Clarice procura solucionar o impasse de "dar ou não dar a caneta", dizendo ao filho que

esta será sua quando estiver maior para andar com algo tão valioso. A história, sem maiores problemas, torna-se um impasse quando Clarice Lispector percebe que o outro filho não a pedia nada. Vejamos um fragmento do texto-crônica:

De repente, descobri. Pouco estava importando a caneta de ouro. O que importava é que um filho pedia e outro não pedia. Retomei a conversa: Vem cá, porque é que você não me pede coisas?

A resposta foi pronta e contundente: Eu já pedi muitas e você não me deu nada.

A acusação era tão dura que fiquei estarelecida. Inclusive não era verdade. Mas exatamente por não ser verdade, é que se tomava mais grave. Ele tinha uma queixa tão profunda que a transformara nessa inverdade.

O que você pediu e eu não dei? Quando eu era pequeno eu pedi uma câmara, quer dizer, um desses tipos de pneus que servem de bóia para eu ir à praia. ‘E eu não dei?’. ‘Não’. ‘Você quer que eu dê agora?’. ‘Não, agora não preciso mais’. ‘Que pena que eu não tenha dado.’ (LISPECTOR, 1999, p. 57).

O medo de ter falhado com o filho e a névoa da culpa que é encontrada em vários textos de Clarice Lispector reaparecem nesse ponto. Assim como ela acreditava que tinha nascido para escrever, acreditava também que nascera para ser mãe e amar os outros. Então, como perdoar uma falha dessas? A reciprocidade de sentimentos é a absorção da escritora. Observemos o desfecho:

Ele teve piedade de mim: ‘Mas você não se lembra. Não deu porque disse que era perigoso, que fica boiando nas ondas e as ondas levavam para longe no mar, e eu era muito pequeno, não sabia nadar’. ‘Você sabe então que eu não queria ariscar a te perder no mar’. ‘Sei’. ‘Mas ficara a mágoa’. (LISPECTOR, 1999, p. 57).

O contexto familiar é o mesmo que protege e reprime, como avalia Elódia Xavier, em *Declínio do Patriarcado* — a família no imaginário feminino, ao se referir à obra de Clarice Lispector.

Mas se nesta crônica Clarice Lispector sofre com o peso de uma possível culpa, em outra os filhos lembram a mais pura felicidade, proporcionando-lhe uma sensação de sentir-se mais completa por meio deles. É o caso de *A entrevista alegre*, publicada em 30 de dezembro e 1967.

Clarice Lispector relata a visita de uma jovem repórter que gostaria de entrevistá-la. Sem explicar o porquê, Clarice, que não gostava de dar entrevistas, diz que a conversa entre ela e repórter mudou de rumo de tal maneira que foi ela quem terminou entrevistando a jovem. Conversaram sobre vários assuntos, mas sempre com um fluxo de falas, sendo as experiências da

jornalista "estreado" tão importante como as de Clarice. A crônica, em tom de carta, dirige-se à Cristina e delata mais uma vez o sentimento maternal de Clarice.

Aliás uma pergunta que me fez: o que mais me importava — se a maternidade ou a literatura. O modo imediato de saber a resposta foi eu perguntar: se tivesse que escolher uma delas, que escolheria? A resposta era simples: eu desistiria da literatura. Nem tem dúvida que como mãe sou mais importante do que como escritora. (LISPECTOR, 1999, p. 60).

Em *Amor imorredouro*, Clarice coloca numa balança os seus sentimentos, explicando a posição dos filhos em sua vida afetiva:

Hão de perguntar: mas em matéria de filhos o que mais nos interessa? Isto é diferente. Filhos são, como se diz, a nossa carne e o nosso sangue, e nem se chama de interesse. É outra coisa. É tão outra coisa que qualquer criança do mundo é como se fosse nossa carne e nosso sangue. Não, não estou fazendo literatura. (LISPECTOR, 1999, p. 30).

Na crônica de 11 de março de 1968, *As três experiências*, a escritora reafirma seu amor maternal por Pedro e Paulo, como uma extensão do amor aos outros que, segundo Clarice Lispector, deve ser a prioridade humana:

Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O 'amar aos outros' é tão vasto que inclui até o perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. (...) Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca. (LISPECTOR, 1999, p. 101).

A mudança de hábito é inaugurada pelos filhos, mas permanece como costume na família, que, na verdade, eram três. Nesta fase que Clarice relata na crônica *Meu Natal* ela já estava separada de Maury e vivia sozinha com os filhos, numa função de total entrega. Embora não seja o núcleo do texto, a maternidade está presente ao longo da narrativa, em que Clarice conta sobre sua decisão de passar a noite de 24 com uma amiga que não tinha, desde a morte da mãe, com quem ceiar no Natal. É com espírito de amizade, mas também de mãe que Clarice torna mais esta responsabilidade, acompanhar a amiga num jantar na noite de Natal. O sentimento compartilhado faz da autora cúmplice de alguém que, como ela, sente-se só.

É através da figura dos filhos que Clarice Lispector retoma a lembrança dos natais em família.

Como as crianças eram pequenas e não conseguiriam se manter acordadas para uma ceia, ficou o hábito que o Natal seria comemorado não à meia-noite, mas no almoço do dia seguinte. Depois os meninos cresceram, mas o hábito ficou. E é no dia 25 pela manhã que vêm os presentes. (LISPECTOR, 1999, p. 159).

Clarice Lispector segue o exemplo de Teresa Quadros que, na coluna *Entre mulheres*, tem como temas recorrentes a maternidade e os cuidados com a casa. No fragmento seguinte, Clarice recebe a carta de uma leitora que lhe pede conselhos para almoçar ou jantar com um rapaz, mas a escritora diz ter lido duas vezes seu nome para se Certificar que a carta era para ela mesma e "não para as ótimas redatoras de assuntos femininos do caderno B". Aproveito o ensejo e confesso já ter recebido convite para fazer "crônica de comentário sobre acontecimentos" dirigida a mulheres. Observemos o trecho de *Mulher demais*:

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigida. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia era descambar para assuntos estritamente femininos, na extensão em que feminino é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias humildes mulheres; como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada. Mas minha desconfiança vinha de lembrar-me do dia em que uma moça veio me entrevistar sobre literatura e, juro que não sei como, terminamos conversando sobre a melhor marca de delineador para os olhos. E parece que a culpa foi minha. Maquilagem dos olhos também é importante, mas eu não pretendia invadir as seções especializadas, por melhor que seja conversar sobre moda e sobre nossa preciosa beleza fugaz. (LISPECTOR, 1999, p. 108).

Para Aparecida Maria Nunes, em *Páginas femininas de Clarice Lispector*, o "felizmente" que ela emprega, referindo-se ao fato do convite ter sido em vão. Ela já tinha experiência na imprensa feminina e sabia bem a natureza dos textos que escrevia. Segundo Nunes, a resposta é m sintoma do modo como a escritora vê o "feminino".

Clarice, então, considera os assuntos tratados nessas colunas como fúteis e censura a maneira pela qual o termo feminino normalmente é considerado. Isto é, um campo ou um contexto em que os assuntos e as mulheres situam-se longe dos problemas da sociedade. Um mundo cor-de-rosa apartado da vida. Talvez por isso, tendo uma visão própria do que interessa à mulher e ciente de que para ser feminina a mulher não precisa estar segregada. Clarice Lispector, mesmo baseada num modelo de mulher e de redação —, usará a coluna como espaço para subverter o esquema: escondida num pseudônimo, falará com outra voz e para outra leitora que não é a de seus romances. (NUNES, 1997, p. 65-66).

Visitando as páginas de Clarice Lispector, encontramos personagens inusitadas, motoristas de táxi, videntes, domésticas... Mas, entre a lista de figuras como essas, as "criadas",

como ela mesma propõe, em tom de ironia, que as chamássemos, são as que a escritora trata com o maior apreço nas crônicas do *Jornal do Brasil*.

Na crônica do dia 14 de outubro de 1967, *Dies Irae*, Clarice Lispector escreve: "E ter empregadas, chamemo-las de uma vez de criadas, é uma ofensa à humanidade". (LISPECTOR, 1999, p. 37).

No dia 25 de novembro de 1967, a escritora publicou quatro pequenos textos relatando sua experiência com as empregadas que trabalharam em sua casa. O mais importante nessas crônicas é que não constituem a imagem dessas mulheres simplesmente, mas a evocação de um universo tão próprio das mulheres, o das coisas do lar. Outro aspecto é a cumplicidade que ela parece ter com essas personagens, pois são tão mulheres como Clarice, no entanto, seguiram outro caminho por condições socioeconômicas. Vejamos o primeiro deles, *A mineira calada*.

Aninha é uma mineira calada que trabalha aqui em casa. E quando fala, vem aquela voz abafada. Raramente fala. Eu, que nunca tive empregada chamada Aparecida, cada vez que vou chamar Aninha, só me ocorre chamar Aparecida. É que ela é uma aparição muda. (LISPECTOR, 1999, p. 41).

A empregada Aninha é a primeira de várias que Clarice apresenta às leitoras e aos leitores da crônica de sábado. O que Aninha tem de especial e o cenário onde se passa o episódio, ela revela a seguir:

Um dia de manhã estava arrumando um canto da sala, e eu bordando no outro canto. De repente — não, não de repente, nada é de repente nela, tudo parece uma continuação do silêncio. Continuando, pois o silêncio, veio até a mim a sua voz: A senhora escreve livros? Respondi um pouco surpreendida que sim. Ela me perguntou, sem parar de arrumar e sem alhear a voz, se eu podia emprestar-lhe um. Fiquei atrapalhada. Fui franca: disse-lhe que ela não ia gostar de meus livros porque eles eram um pouco complicados. Foi então que, continuando a arrumar, e com a voz ainda mais abafada, respondeu: Gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar. (LISPECTOR, 1999, p. 47-48).

Clarice parece ter um sentimento de piedade, ou de respeito, por Aninha. Ela sente-se encabulada com a pergunta da empregada, porque teme a própria resposta, teme a possibilidade de subestimá-la. Aninha é uma incógnita porque parece invisível, mas a dona-de-casa a descobre como alguém observadora e "pensante", uma coisa viva.

Com as empregadas, o universo doméstico de Clarice Lispector se completa. Peças indispensáveis para o mergulho na alma humana a que a escritora se lança. No texto seguinte, a personagem é Jandira, a cozinheira da casa.

A cozinheira é Jandira. Mas esta é forte. Tão forte que é vidente. Uma de muitas irmãs estava visitando-me. Jandira entrou na sala, olhou sério para ela e subitamente disse: 'A viagem que a senhora pretende fazer vai se realizar, e a senhora está atravessando um período muito feliz na vida'. E saiu da sala. A minha irmã olhou para mim, espantada. Um pouco encabulada, fiz um gesto com as mãos que significava que eu nada podia fazer, ao mesmo tempo em que explicava: 'É que ela é vidente'. Minha irmã respondeu tranquila: 'Bom, cada um tem a empregada que merece'. (LISPECTOR, 1999, p. 48).

Como se não bastasse a veia mística e a aura de mistério que a escritora parecia gostar de ler, uma de suas empregadas era vidente. O pequeno texto chamado "A vidente" poderia chamar-se "só me faltava essa", de tão absurdo que é a ligação da vidência de Jandira com a sua predisposição a assuntos esotéricos, mágicos ou espirituais.

O dom de Jandira não pode ter passado por Clarice em vão. Em 1977, publicaria *A hora da Estrela*, romance em que a passagem de uma vidente, uma cartomante, desencadeia uma série de comportamentos da protagonista Macabeia.

A cartomante a faz acreditar que um homem, estrangeiro, bonito e rico, aparecerá em sua vida. Aparentemente, sem grande importância, a cartomante é a chave que prepara a narrativa para o clímax do conflito de Macabeia.

Jandira é lembrada em algumas linhas a mais, num outro pequeno texto, intitulado *Agradecimento*:

Essa mesma Jandira que Deus a conserve, pois cozinha bem, no dia em que lha paguei o salário com o aumento prometido, ficou contando o dinheiro e eu parada, esperando para ver se estava certo. Quando acabou de contar, não disse uma palavra, inclinou-se e beijou meu ombro esquerdo. Eu, hem! (LISPECTOR, 1999, p. 48).

Em *Por detrás da devoção*, publicada em 2 de dezembro de 1967, Clarice traz de volta à lembrança Aninha, *A Mineira Calada*, quem a escritora se refere na primeira crônica sobre domésticas. Clarice parece acompanhar o desenvolvimento de Aninha, passa a observá-la melhor, provavelmente após o episódio contado na crônica já mencionada. Clarice Lispector inicia a crônica relembrando ao leitor a figura de Aninha para depois tratar das mudanças dela:

Pois bem, ela se transformou. Como se desenvolveu aqui em casa! Até puxa conversa, e a voz agora é muito clara. Já que eu não queria lhe dar livro meu para ler, pois não desejava atmosfera de literatura em casa, fingi que esqueci. Mas, em troca, dei-lhe de presente um livro policial que eu havia traduzido. Passados uns dias, ela disse: Acabei de ler. Gostei, mas achei um pouco pueril. Eu gostava era de ler um livro seu. É renitente, a mineira. E usou mesmo a palavra pueril. (LISPECTOR, 1999, p. 49).

Aninha é uma revelação para Clarice, que torna a se surpreender com suas atitudes, fazendo questão de lhe atribuir o vocábulo usado, para o leitor sugar ao máximo o sentimento de Clarice. A ideia de "revelação" também está costurado no texto a seguir, onde se encontram Clarice, Aninha e a Jandira, a cozinheira vidente:

Um dia distrai-me e sem nem sequer sentir, chamei: 'Aparecida'. Ela me perguntou sem o menor espanto: 'Quem é Aparecida?' Bom, havia chegado a hora de uma explicação que nem era possível. Terminei dizendo: 'E não sei porque chamo você de Aparecida'. Ela disse com sua voz, ainda um pouco abafada: 'É porque eu apareci'. Sim, mas a explicação não bastava. Foi a cozinheira Jandira, a que é vidente, quem se encarregou de desvendar o mistério. Disse que Nossa Senhora Aparecida estava querendo me ajudar e que me 'avisava' desse modo: fazendo-me sem querer chamar pelo seu nome. (LISPECTOR, 1999, p. 49).

Clarice escuta atenta a explicação de Jandira e repassa aos leitores o conselho da vidente.

Mais do que explicar, Jandira aconselhou-me: eu devia acender uma vela para Nossa Senhora Aparecida, ao mesmo tempo em que fazia um pedido. Gostei. Afinal de contas não custava tentar. Perguntei-lhe se ela própria não poderia acender a vela por mim. Respondeu que sim, mas tinha que ser comprada com meu dinheiro. (LISPECTOR, 1999, p. 49).

O relato sobre as empregadas, cada uma com suas peculiaridades, chama a atenção da escritora e a nossa. O que há nessas mulheres, nos seus comportamentos, que Clarice tenta repassar aos seus leitores? Sabendo das preocupações que tinha em relação à coluna, espera-se que o assunto "domésticas" interesse ao seu público. Clarice não as delataria em vão. Também havia o fato de a dela conhecer quem a há, porque recebia cartas e assim mantinha uma espécie de relação mais próxima com o leitor. Se ela escrevia sobre as empregadas é porque sabia que isso agradaria a seus leitores. Não era simplesmente um tiro no escuro, um caso impensado.

O sentimento de Clarice em relação a essas mulheres é em parte explicado em "Por detrás da devoção", publicada em 2 de dezembro de 1967.

Por falar em empregadas, em relação às quais sempre me senti culpada e exploradora, piorei muito depois que assisti a peça *As criadas*, dirigida pelo ótimo Martim Gonçalves. Fiquei toda alterada. Vi como as empregadas se sentem por dentro, vi como a devoção que às vezes recebemos delas é cheia de um ódio mortal. (...)  
Às vezes o ódio não é declarado, torna exatamente a forma de uma devoção e de uma humildade espectrais. (LISPECTOR, 1999, p. 49-50).

Em outro momento, Clarice Lispector se refere mais uma vez às empregadas chamando-as de criadas, num misto de piedade e revolta em relação à exclusão social e à resignação dessas mulheres. Ao narrar o caso de uma de suas empregadas que era atriz de teatro, chegou a falar: “Fiquei com pena: tive a certeza de que seu papel no palco era o de criada mesmo, o de aparecer e dizer: ‘O jantar está pronto, madame.’”

Em *Das doçuras de Deus e De outras doçuras de Deus*, publicadas em 16 de dezembro de 1967, Clarice dedica mais dois textos à mineira calada Aninha, de quem falamos por duas vezes. Os últimos textos que se referem às domésticas são esses dois a seguir. Neles, ela conta o fim trágico da empregada, que foi internada num sanatório. A imagem merecedora de cuidado, aliada a sua posição social, marcam a escritora profundamente, como ela sugere na crônica:

Vocês a esqueceram. Eu nunca a esquecerei. Nem sua voz abafada, nem os dentes que lhe faltavam na frente e que por instância nossa botou, à toa: não se viam porque ela falava para dentro e seu sorriso também era mais para dentro. Esqueci de dizer que Aninha era muito feia. (...)  
Aninha, meu bem, tenho saudade de você, de seu modo gauche de andar. Vou escrever para sua mãe em Minas para ela vir buscar você. O que lhe acontecerá, não sei. Sei que você continuará doce e doida para o resto da vida, com intervalos de lucidez. Tampinhas de garrafas de leite é capaz mesmo de enfeitar um quarto. E papéis amarrotados, dá-se um jeito, por que não? Ela não gostava de água com açúcar, e nem o era. O mundo não é. (...)  
Deus faz doçuras muito tristes. Será que deve ser bom ser doce assim. (LISPECTOR, 1999, p. 53-55).

A escritora se compadece de Aninha, que realmente foi internada em um hospital psiquiátrico. Ela a redime, como se a loucura não fosse de Aninha, mas do mundo tão sem doçura. Clarice torna as dores do mundo, do ser humano, para si e talvez isso se atenuie com a presença na sua vida de "personagens" como Aninha.

Mais uma vez nos remetemos à novela *A hora da Estrela*, associando a ingenuidade latente de Aninha com a personagem Macabeia, que encanta e, ao mesmo tempo provoca pena, em algumas situações. Ao ponto de querermos gritar para que a personagem saia daquele estado de calmaria, de transe em que se apresenta e tome uma atitude de luta, de mais ação diante das injustiças e do imponderável.

A última crônica em que Clarice Lispector escreve sobre Aninha mostra outros lados do universo que ronda a doméstica e o seu também, e sobre os quais mencionaremos a seguir:



Ainda não recebeu alta, mas deixaram-na sair como teste. Está mais bonita, à custa de ter engordado com tantos soros, e tomou três choques elétricos. Achou meus filhos crescidos, e comoveu-me quando perguntou: a senhora ainda está escrevendo? (...)

Agora diz que quer ter um namorado e mesmo ir para um programa de televisão que arranja casamento. No hospital descobriram as potências de Aninha e, depois que tiver alta, vai ficar lá trabalhando por uns tempos. Nossa casa estava alegre. (LISPECTOR, 1999, p. 55).

A crônica acima, a última visita de Aninha, num dia em que foi liberada embora ainda não tivesse alta. Nela, o espaço doméstico se forma através dos filhos, da cozinheira e, sobretudo, pela mensagem que, a exemplo de toda a obra de Clarice Lispector, vem *Além do texto*.

É exatamente este *Além do texto*, que tomamos emprestado de Ítalo Calvino, o qual envolve os leitores e as leitoras de Clarice Lispector, num espírito de sentir-se próximo de quem se fala, ganhando uma familiaridade com as personagens reais ou ficcionais. Uma passagem de Calvino em *Se um viajante numa noite de inverno* coloca bem este sentimento que envolve o receptor de suas crônicas.

Para essa mulher, ler significa despojar-se de toda intenção e preconceito, a fim de estar pronta a acolher uma vez que se faz ouvir quando menos se espera, uma voz vinda não se sabe de onde, de além do livro, do autor, das convenções da escrita: que não vem do não-dito, daquilo que o mundo ainda não pode dizer e para a qual não há palavras disponíveis. (CALVINO *apud* VIEIRA *op. cit.*, p. 95).

Seja qual for a história narrada, sua ou de um personagem, real ou fictícia, Clarice envolve os leitores e, principalmente as leitoras, numa teia de sentimentos. Para Telma Maria Vieira em Clarice Lispector — uma leitura instigante, ao ser conduzido “pela mãe”, o leitor de Clarice se encontra em igualdade com a escritora e ambas, pela leitura ou pela escrita, participam de um duplo ritual. Embora pela via oposta, a desconstrução, se constroem durante a narrativa enquanto escritor, leitor e, especialmente ser.

A comunicação de Clarice Lispector com as leitoras, em especial, é outro tema recorrente em suas crônicas e que nos remete à mulher e seu universo. Dos textos em que a escritora cita suas leitoras, a maior parte deles se refere a cartas que ela recebeu. De donas-de-casa à vizinha desconhecida, tem de tudo na "caixa postal" de Clarice, até mesmo personalidades ilustres, como a atriz Fernanda Montenegro. O que as cartas têm em comum? Todas elas são espécies de confidências, reduto de impressões pessoais e íntimas de mulheres que, como ela, querem ser felizes, apesar dos conflitos que vivem. As cartas, os telefonemas e o reconhecimento de Clarice satisfazem a escritora, que encontra no público feminino um fiel leitor. Em crônica de

20 de abril de 1968, *Adeus, vou-me embora!*, a escritora desabafa: “Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados. E escrever a espécie de crônica aos sábados tem me trazido mais amor ainda. Sinto-me tão perto de quem me lê”. (LISPECTOR, 1999, p. 95).

Na crônica *Oi, Chico!*, Clarice conta uma das vezes em que recebeu mensagem de uma leitora, como veremos:

Oh, Chico Buarque, pois não é que recebi uma carta de uma cidade do Rio Grande do Sul, Santa Maria, a respeito de você e de mim? É o seguinte: a moça me lê num jornal de Porto Alegre. E, muito jovem, diz que sente grande afinidade comigo, que eu escrevo exatamente como ela sente. (LISPECTOR, 1999, p. 85).

A carta prossegue com a leitora dizendo que, como Clarice, que escreveu sobre Chico Buarque em sua coluna, tem inclinação pelo artista. E ainda pede a Clarice que a convide para a sua casa, num dia em que Chico estiver lá. A escritora comenta de forma engraçada o fato: “Você já imaginou eu passando um telegrama para Santa Maria: ‘Venha urgente Chico vem amanhã casa minha.’” (LISPECTOR, 1999, p. 86).

E finaliza enviando um recado bem humorado para a jovem que a escreveu: “Pois se Chico tem candura, e você acha que eu também tenho, você, minha amiguinha, é mil vezes mais cândida do que nós. Mando-lhe um beijo, e tenho certeza de que Chico lhe manda outro beijo... não, não desmaie”. (LISPECTOR, 1999, p. 86).

A crônica seguinte também faz referência a uma leitora, dando uma espécie de continuidade ao tema, conforme aconteceu nas páginas sobre as domésticas. No texto *Ana Luísa, Luciana e um polvo*, da mesma data do anterior, a escritora relata sobre um estranho presente recebido: um polvo. A leitora a presentearia sensibilizada por uma crônica de Clarice, o que a própria fez questão de delatar:

Sou tímida, mas tenho direito de ter meus impulsos; o que você escreveu hoje no jornal foi exatamente como eu sinto; e então eu, que moro defronte de você e assisti o seu incêndio e sei pela luz acesa quando você tem insônia, eu então trouxe um polvo para você. (LISPECTOR, 1999, p. 86).

Clarice, através da abordagem de assuntos triviais, saídos na maioria das vezes do seu cotidiano rodeada de empregadas domésticas e dos filhos, aproxima-se da leitora atenta, que deixa de ser apenas receptora e se transforma em objeto de enunciação. Clarice se aproxima da leitora, através do espaço, onde ambas vivem. É com esses assuntos que a escritora conquista a confiança da leitora.

## Referências

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8a ed. Coimbra: Almedina, 1991.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999, 231 p.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. E posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. 89 p.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. 372 p.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BRADBURY, Malcom & Mc. FARLANE, James. *Modernismo guia geral – 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. BRASIL, Assis. Clarice Lispector. In.: *O Romance*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1973. (História crítica da Literatura Brasileira. A nova literatura)
- CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In.: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In.: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- FERREIRA, Tereza Cristina Monteiro. *Eu sou uma pergunta – uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GOTLIB, Nádya Batella. Clarice – *Uma vida que se conta*. 5a ed. São Paulo: Ática, 1995.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: História, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991, 330 p.
- IANNACE, Ricardo. *A leitora Clarice Lispector*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- KADOTA, Neiva Pitta. *A escritura inquieta – linguagem, criação e intertextualidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999. 158 p.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991. cc v
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

## Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

---

Doutoranda em Estudos Clássicos na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro-UTAD - Vila Real-Portugal, Mestre em Letras e Especialista em Investigação Literária pela UFC, professora e coordenadora escolar da Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará, professora colaboradora do Curso de Especialização em Literatura e Semiótica da UECE, professora do Curso de Letras do Instituto Dom José - Uva e FIP.

*Recebido em 30 de dezembro de 2013.*

*Aceito em 01 de março de 2014.*